TRANSTORNO DE DÉFICIT DE ATENÇÃO / HIPERATIVIDADE (TDAH) NO AMBIENTE ESCOLAR

Rosilene Alves Lima[1], Ana Claudia Reis Bittencourt[2], Áurea Célia Andrade de Almeida[3], Lhays Ingryd Soares Leite [4], Luciana Soares de Oliveira Leite[5], Elizabe da Silva Amaral Souza[6]

[1] ISEIB-INSTITUTO SUPERIOR DE EDUCAÇÃO IBITURUNA, Ibiturana, Brasil (rosetavinho@hotamil.com)
[2]Universidade Federal de Rondonópolis (UFR), Rondonópolis, Brasil
[3]Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT), Rondonópolis, Brasil
[4]Universidade Federal de Rondonópolis (UFR), Rondonópolis, Brasil
[5]Secretaria Municipal de Educação, Rondonópolis, Brasil
[6]Secretaria Municipal de Educação, Rondonópolis, Brasil

Resumo: O presente estudo aborda o Transtorno de Déficit de Atenção/Hiperatividade (TDAH) no ambiente escolar, buscando ampliar o conhecimento sobre o tema na área da educação. Destaca a importância da informação e do preparo da comunidade escolar para minimizar dificuldades de aprendizagem e índices de abandono escolar. Defende-se a construção de um ambiente acolhedor e inclusivo, garantindo educação de qualidade, respeito às limitações e troca de experiências.

Palavras-chave: TDAH; Educação; Professores; Alunos.

INTRODUÇÃO

A educação desempenha um papel fundamental no desenvolvimento integral do indivíduo, sendo essencial para a formação social, emocional e cognitiva dos sujeitos. Entretanto, no contexto escolar, muitas crianças apresentam dificuldades no processo de ensino-aprendizagem, as quais podem estar relacionadas a diferentes fatores, entre eles aspectos emocionais, sociais e transtornos do neurodesenvolvimento, como o Transtorno de Déficit de Atenção/Hiperatividade (TDAH). Diante disso, torna-se indispensável que os profissionais da educação e as famílias estejam atentos aos sinais apresentados pelos alunos, observando se tais dificuldades são momentâneas ou persistentes, de modo a possibilitar intervenções adequadas e um acompanhamento especializado quando necessário.

O presente trabalho fundamenta-se em pesquisas bibliográficas com o objetivo de compreender e caracterizar o TDAH no contexto escolar, bem como discutir os desafios enfrentados pelos estudantes diagnosticados com o transtorno no ambiente educacional. Para a construção teórica deste estudo, foram utilizados autores como Bossa (1994), Benczik (2000) e Macedo (2002), além de artigos científicos e materiais acadêmicos especializados sobre a temática.

Segundo Lakatos e Marconi (1987, p. 15), a pesquisa pode ser considerada um procedimento formal com método de pensamento reflexivo que requer um tratamento científico e se constitui no caminho para se conhecer a realidade ou para descobrir verdades parciais. Por essa razão, o método qualitativo é o que mais se adequou a este trabalho, possibilitando entender como o trabalho com o aluno que apresenta sinais de TDHA pode ser realizado dentro do contexto escolar, uma vez que esta descreve e a analisa todo o processo envolvido no fenômeno que está sendo averiguado. Este estudo, não irá requerer o uso de métodos e gráficos estatísticos.

O pesquisador qualitativo organiza seus estudos na interpretação do mundo real, e tem a preocupação com o caráter de interpretação do texto da pesquisa pois se trata de experiências vividas por seres humanos. Temos como justificativa o fato de que este transtorno tem sido frequentemente ignorado, confundido e na maioria das vezes passa despercebido tanto pelos pais como também pelos profissionais da educação, mesmo porque apresenta sintomas semelhantes aos de outros transtornos.

O objetivo é procurar esclarecer e também divulgar mais o assunto abordado na área da educação para que os profissionais na área pais e alunos procurem amenizar e os altos índices de abandono escolar. Os Objetivos específicos são entender quais desempenhos as dificuldades da TDAH; constatar que existem formas para trabalhar e aprender métodos de intervenção para trabalhar a TDAH na escola.

Existem vários transtornos de aprendizagem como a Dislexia, Disgrafia, Disortográfica, Dislalia, Discalculia e o TDAH (Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade), este tem apresentado considerável aumento no Brasil no mundo durante os últimos anos, tanto em crianças e adolescentes quanto em adultos, por isso o diagnóstico precoce desse distúrbio TDAH torna-se fundamental para que a aprendizagem não seja prejudicada.

Na escola é importante ter acompanhamento psicopedagógico e reforço escolar se for o caso, essa intervenção profissional facilita o convívio com todos os envolvidos no ambiente escolar, colegas, professoras, educadores.

MATERIAL E MÉTODOS

O presente estudo caracteriza-se como uma pesquisa bibliográfica, de abordagem qualitativa e caráter descritivo, desenvolvida a partir da análise de livros, artigos científicos, dissertações e demais produções acadêmicas relacionadas ao Transtorno do Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH) e suas implicações no processo de ensino-aprendizagem.

A pesquisa foi realizada por meio de levantamento teórico em bases bibliográficas e consulta a autores de referência na área da educação e neurodesenvolvimento, buscando compreender as principais características do transtorno, seus impactos no ambiente escolar e as estratégias pedagógicas que podem contribuir para a inclusão e o desenvolvimento da aprendizagem dos alunos diagnosticados com TDAH.

A análise dos dados foi conduzida de forma interpretativa, com base na comparação entre os diferentes posicionamentos teóricos encontrados na literatura, possibilitando identificar convergências quanto à importância da atuação docente, do acompanhamento familiar e da intervenção multidisciplinar no processo educacional desses estudantes.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os O Transtorno do Déficit de Atenção e Hiperatividade, o TDAH, geralmente é percebido na infância e a maioria dos casos prossegue até a fase adulta, este transtorno tem a características que são hiperatividade, desatenção e impulsividade que afetam os aspectos sociais, cognitivos e psíquicos.

É importante que se conheça sobre o TDAH, um transtorno que afeta toda a família e não somente o portador, pois o diagnóstico precoce implicará no desenvolvimento cognitivo e também afetivo da criança, impedindo que esta seja mais uma rotulada como lerda ou atrasada.

A escola e os pais precisam ficar atentos, pois são os que mais têm contato com a criança, é importante que eles conheçam as melhores estratégias para o auxílio de seus filhos e alunos na organização e no planejamento das atividades.

Vale ressaltar também que os professores são essenciais nesse tratamento, pois auxiliam os alunos com TDAH a terem melhor desempenho, em alguns casos é necessário ainda ensinar aos alunos técnicas específicas para minimizar as dificuldades.

Pesquisas sugerem que o TDAH pode ser o problema mais persistente e comum na infância, às crianças hiperativas apresentam dificuldades que seriam normais para sua idade, porém, a forma exagerada de agitação, desatenção impulsividade, terminam dificultando o diagnóstico preciso, na maioria das vezes são caracterizadas como mal-educadas.

O psicopedagogo é o profissional qualificado para diagnosticar entre outros o TDAH, o mesmo deve procurar compreender o indivíduo em suas várias dimensões para ajudá-lo a reencontrar seu caminho, superando dificuldades que impeçam um desenvolvimento harmônico e que estejam se constituindo num bloqueio da comunicação dele com o meio que o cercam e devem ser percebidos os transtornos de comportamentos em diversos ambientes tais como: escola, casa e trabalho e assim envolver uma equipe que possa aplicar as medidas cabíveis ao tratamento pedagógico e comportamental. Segundo Bossa:

> Cabe ao psicopedagogo perceber eventuais perturbações no processo aprendizagem, participar da dinâmica da comunidade educativa, favorecendo a integração, promovendo orientações metodológicas de acordo com as características e particularidades dos indivíduos do grupo, realizando processos de orientação. Já que no caráter existencial, o psicopedagogo participa de equipes responsáveis pela elaboração de planos e projetos no contexto teórico/prático das políticas educacionais, fazendo com que os professores, diretores e coordenadores possam repensar o papel da escola frente a sua docência e as necessidades individuais de aprendizagem da criança ou do ensino, por isso "é importante que a escola, além de auxiliar o aluno, tenha também profissional qualificado para mediar "situações-problemas", tão logo ocorram" (BOSSA,1994, p.23).

Para a autora Benczik (2000, p. 26) pessoas com TDAH demonstram níveis de atenção inapropriados para a idade, são impulsivas e geralmente superativas, apresentam dificuldades para seguir regras e normas.

Podem apresentar também problemas de conduta, agressividade, pobre rendimento escolar ou problemas de aprendizagem e dificuldades sociais, especialmente relacionados com os amigos e conflitos na família. Borges (1997) afirma ainda, que crianças com todas as características da hiperatividade são comumente avaliadas como tendo um comportamento normal por alguns médicos pediatras, quando não são observados

traços anormais no encefalograma, descartando-se assim a presença da hiperatividade.

Para Benczik (2000, p.28) a hiperatividade pode manifestar através da inquietação, ou seja, remexer-se na cadeira, não permanecer sentado quando deveria correr ou subir excessivamente em coisas (quando isto é inapropriado), dificuldade em brincar ou ficar em silencio durante as atividades de lazer, parecer estar a "todo vapor" ou "cheio de gás", ou ainda, falar em excesso.

Segundo a autora (p. 28), é importante que o aluno com TDAH receba o máximo possível de atendimento individualizado, o mesmo deve ser colocado na primeira fileira da sala de aula, próximo ao professor e longe da janela, longe do pátio, ou seja, em local onde ele tenha menor probabilidade de distrair-se, esta criança pode ser um útil assistente do professor.

A autora também destaca que, gizes de diferentes cores poderão ser utilizados na lousa durante a explicação de matérias novas e dessa forma chamar a atenção da criança. A intensidade da voz do professor é relevante, pois professores que falam muito baixo costuma não fazer criança se prender no que ele está explicando, a criança com TDAH adora novidades, então as explicações de conteúdos novos deverão ser passadas de maneira criativa.

Os alunos com distúrbios de TDAH são melhores atendidos por escola que buscam desenvolver o potencial específico de cada um, enfatiza características únicas do aluno, percebe seus pontos fortes e tenta superar os pontos fracos, pois esses precisam de apoio e intervenção acadêmica com maior intensidade.

O primeiro relato de TDA/H foi no ano de 1902 por Still, (publicado na revista inglesa "Lancet") a respeito de famílias com distúrbios de comportamento e atenção, mas sem qualquer alteração neurológica definida. Por volta de 1960, pacientes foram tratados com estimulantes, em hospitais psiquiátricos, e alguns deles apresentaram melhora no quadro clínico neurológico, porém isso ficou como um relato apenas.

Já na década de 50 foi vista como uma Lesão Cerebral Mínima, mas sem sucesso, pois não aparecia nenhum sinal clínico no paciente, esse conceito permaneceu até 1963 quando Oxford definiu como Disfunção Cerebral Mínima, este termo invadiu os anos 60, 70 e parte da década de 80, no entanto, nessa mesma época no Brasil desenvolveu-se um exame neurológico cognitivo, como sendo um parâmetro clínico, onde se examinavam, aplicavam-se testes nas crianças e se houvesse alteração seria suficiente de Disfunção Cerebral Mínima, era então iniciado o tratamento.

Mais à frente, evolutivamente nas décadas de 80 a 90 o DSM III (Manual Diagnóstico e Estatística de Transtornos Mentais – 3ª edição) alterou o diagnóstico, passando a adotar critérios para o mesmo, e então, surgiu o termo TDA (Transtorno de Déficit de Atenção), mas não se associou a Hiperatividade e Impulsividade como sendo parte do quadro do DTA.

As primeiras características definidas pelo DSM III (1982), só traziam como Difícil de Atenção, criança que ia mal à escola sem ter comprometimento intelectual, só em 1986 que o DSM III, introduziu o termo Hiperatividade juntos, mas não associados, permanecendo até os anos 90, quando o DSM IV (4ª edição) estabeleceu os critérios, criando o TDA/H, que permanece até hoje.

A autora Benczik ressalta que as crianças com TDAH apresentam níveis de atenção inapropriados para a idade, são impulsivas e geralmente superativas, apresentam dificuldades para seguir regras e normas. Podem ser agressivas, apresentar baixo rendimento escolar ou dificuldades de aprendizagem e sociais, especialmente com os amigos e problemas familiares. Essas crianças demonstram baixa tolerância à frustração, apresenta dificuldade de aceitarem um "não", e geralmente a autoestima é baixa, tendo uma percepção negativa de si mesmos em razão das repetidas frustrações vividas.

Estatísticas mostram que diversos fatores podem contribuir para os sintomas do TDAH como o fumo, nicotina, bebidas consumidas durante a gravidez, ou ainda exposição de chumbo até 3 anos, meio familiar, meningite pós-natal, traumas obstétricos, falta de oxigênio, subnutrição e traumatismo craniano, as consequências podem ser diversas, como a falta de atenção, impulsividade e inquietude.

O diagnóstico do TDAH pode ocorrer de várias formas, e geralmente é realizado por um psicopedagogo, pediatra, neurologista, psicólogo ou psiquiatra juntamente com pais e professores, pois estes são pessoas próximas às crianças e podem auxiliar no diagnóstico.

Segundo Cabral (1994) existem aspectos para reconhecer os com TDAH, o primeiro são sinais de desatenção, hiperatividade e impulsividade, o segundo está relacionado aos sintomas que tenham aparecidos na infância, o terceiro é o comprometimento do funcionamento em mais de uma área de atuação, com na casa, vida social, escola etc. Para a autora Weiss (p.141 e 142) às instituições públicas e particulares que atendem a pacientes com dificuldades de aprendizagem, são indispensáveis alguns cuidados como:

- Discussão prévia de equipe sobre o que se entende por problemas de aprendizagem, sobre como se fazer uma avaliação psicopedagogia, como se dividir essa avaliação em etapas, como fazer registros e relatos que possam ser compreendidos pelos demais profissionais da equipe.

• Encontros da equipe no final da coleta de dados para uma troca pessoal de observações e resultados, a fim de que possa ser construída uma imagem global do paciente, no que se refere à aprendizagem e ao desempenho escolar.

Para autora é importante que ser faça uma boa análise, para que o diagnóstico da criança não se transforme numa soma de dados. Ressalta ainda a autora, que qualquer que seja o profissional que tenha o primeiro contato com o paciente e sua família, que o importante (mesmo que este não seja um psicopedagogo) é que o mesmo possa atuar com uma visão mais ampla, encaminhando a criança ao profissional mais adequado para o caso ou, dentro de seus próprios recursos, intervindo para o andamento do caso.

Pesquisas sugerem que TDA/H pode ser o problema mais persistente e comum na infância. As crianças hiperativas apresentam dificuldades que seriam normais para sua idade, porém, a forma exagerada de agitação, desatenção, impulsividade, terminam dificultando o diagnóstico preciso, uma que são caracterizadas como mal-educadas.

A escola e os professores são importantes mediadores, buscam promover a formação e a socialização dos alunos com TDA/H, e interpõem –se entre as crianças e o mundo mais amplo, estes se responsabilizam em ensiná-la, fazê-las aprender, desenvolver sua inteligência e afetividade. Oferecendo um atendimento especializado com novos materiais e objetos para pensar, aproveitando (umas mais e outras menos) as experiências trazidas pelo aluno. Tal como a família, a escola seleciona o que considera importante de ser aprendido, filtra, faz um recorte e toma as rédeas do processo de aprendizagem de seus alunos.

De acordo com a autora Benczik (p.26):

> [...] crianças com sintomas de desatenção geralmente não presta muita atenção a detalhes, como, por exemplo, na escola, não cópia da lousa uma frase completa, não acentua palavras corretamente, não pinga o i e não corta a letra t. ao fazer contas de somar, faz de subtrair. Não porque não saiba, mas porque não presta atenção no sinal. Pode apresentar, também, o trabalho escolar confuso e desorganizado, realizado sem meticulosidade, nem consideração adequada. Escreve no caderno do final para o começo, pula folhas, passa o conteúdo de história na parte que é de português, e seus cadernos, geralmente, não têm capas e as folhas destes possuem "orelhas". Os hábitos de trabalho são desorganizados, os materiais para realização da tarefa em geral ficam espalhados, manuseados com cuidado, ou se perde, e se danificam. Os pais não sabem mais quantos lápis, borrachas, óculos, blusas, etc. Já compraram e foram perdidos em algum lugar pela criança. Sua mochila escolar, assim como seu guarda-roupa, está sempre uma "bagunça". Nunca encontra o que procura (BENCZIK.2000, P.26).

É de grande importância que a escola, além de proteger o aluno, também conte com profissionais preparados para lidar com questões delicadas como é o caso de crianças com TDAH. Os programas de apoio à família são altamente eficazes, reforçam o "vínculo família-escola" e promovem a saúde escolar, levando a um aumento significativo do comprometimento entre professor e aluno. É urgente que cada escola tenha um profissional qualificado para mediar "situações-problemas" tão logo ocorram. Segundo Russe A. Barkley:

> [...] crianças com TDAH tem grandes dificuldades de ajustamento diante das demandas da escola. Um terço ou mais de todas as crianças portadoras de TDAH ficarão pra trás na escola, no mínimo uma série, durante a sua carreira escolar, e até 35% nunca completará o ensino médio. As notas e pontos acadêmicos conseguidos estão significativamente abaixo das notas de seus colegas de classe. Entre 40% e 50% dessas crianças acabarão por receber algum grau de serviços formais através de programas de educação especial, como salas com recurso, e até 10% poderá passar todo o seu dia escolar nesses programas. Complicando esse quadro, existe o fato de que mais da metade de todas as crianças com TDAH também apresentam sérios problemas de comportamentos opositivos. Isto ajuda a explicar porque entre 15% a 25% dessas crianças serão suspensas ou até expulsas da escola devido a problema de conduto. (2002, p.24)

É importante que pais e professores entendam o funcionamento do sistema educacional e os motivos que levam aluno com TDAH a não corresponder ao que se espera dele.

Espera-se que a escola busque estratégias para favorecer o desempenho do aluno com TDAH, atendendo também os demais alunos, compreendendo a importância de adaptações e adequações da sala de aula, dos materiais didáticos além da prática pedagógica do professor, estimulando a aprendizagem, auxiliar o aluno a enfrentar e a superar suas dificuldades, respeitando as diferenças individuais de cada aluno, principalmente dos alunos com TDAH.

Para família, a primeira dúvida surge justamente na hora de escolher a escola, os pais buscam um estabelecimento especializado, havendo necessidade de acomodações, que respeitem a especificidade das necessidades de cada um e, para isso, é preciso verificar o nível de conhecimento da direção e dos professores a respeito do assunto.

Segundo Nogueira e Pilão (1998): "A escola, numa perspectiva construtivista, deve considerar que o aluno traz consigo um enorme arsenal de conhecimentos, elaborações, valores, inteligências adquiridas antes da fase escolar" (1998, p.18).

A escola precisa também auxiliar seus educadores, informando quais alunos possuem um parecer médico

com TDA/H. É importante também uma comunicação frequente entre escola e a família, ocorrendo uma troca de experiências.

Quando os professores convivem diretamente com crianças com TDAH, torna-se fundamental compreender que o transtorno está relacionado a alterações nas funções executivas, responsáveis pela organização do comportamento, atenção e controle emocional. Essas dificuldades podem se manifestar na organização e planejamento das tarefas, na definição de prioridades, na manutenção da atenção por longos períodos e na filtragem de estímulos que causam distração. Além disso, a criança pode apresentar limitações na memória de curto prazo, no controle das emoções e frustrações, na autorregulação do comportamento e na capacidade de iniciar ou concluir atividades consideradas pouco atrativas. Também podem surgir dificuldades na internalização da fala e na elaboração de diferentes estratégias para solucionar problemas e situações do cotidiano escolar.

O professor precisa trabalhar a importância das regras e dos limites em sala de aula com os alunos com TDAH, avaliando, promovendo sua autoestima, dando uma nova estrutura a sua aula com atividades que motive e sempre acompanhando o ritmo e interesse de seus alunos com TDAH.

As mudanças didáticas no espaço físico escolar podem contribuir na aprendizagem. Para Barkley (2002), as atividades em grupo, a atenção dos alunos "pode ser melhorada como um estilo de aula mais entusiasmado, breve e que permita a participação ativa da criança" (p. 244).

É importante que a escola se prepare para receber os alunos com necessidades educacionais especiais, possibilitando um melhor convívio com os demais colegas. O desempenho escolar dos alunos com TDAH depende da metodologia e da prática do professor.

Muitos educadores estão diariamente em contato com alunos com TDAH, mas nem todos sabem como agir com o transtorno. Pois exige uma atenção redobrada do educador sobre o aluno, práticas pedagógicas bem elaboradas, para que se alcance o objetivo de ensiná-lo a aprender, e apreender o que realmente é importante.

De acordo com OLIVEIRA (2009. p.34) a formação continuada deve acontecer essencialmente nas escolas articulada com o apoio pedagógico, ou seja, coordenadores e articuladores de maneira dialógica, compartilhando ideias, ações e sentimentos entre os educadores, pois é nela que vão surgindo as necessidades reais. O autor ressalta que

> [...] a escola como lugar da formação dos professores, como espaço da análise partilhada das práticas, enquanto rotina sistemática de acompanhamento, de supervisão e de reflexão sobre o trabalho docente. O objetivo é transformar a experiência coletiva em conhecimento profissional a ligar a formação de professores a desenvolvimento de projeto educativos na escola" (NÓVA, 2009).

É na escola que acontece a ação educativa, no dia a dia escolar, sendo assim o local mais propício para fazê-la é na mesma. Esta formação, porém, deve favorecer um olhar reflexivo do professor sobre suas ações proporcionando seu desenvolvimento profissional e autores de sua própria prática.

Para que o educador desenvolva um bom trabalho com os alunos de TDAH, não depende exclusivamente da formação do professor e de suas práticas diante dos alunos com TDAH, é preciso desenvolver ações no qual envolvam parcerias com outros profissionais como por exemplo, "psicopedagogos, psicólogos, fisioterapeutas, médicos, assistentes sociais etc., estabelecendo-se uma rede de apoio interdisciplinar." (BEYER, 2005. p.53).

Outro ponto importante para se tornar um professor inclusivo, ou seja, fazer a diferença no campo educacional.

> [...] é o modo como este planeja as atividades e como seleciona o material didático, de forma que possam servir a objetivos mais amplos e importantes do que treinar, estereotipar e encurralar o aluno no caminho que o professor estipulou como o único que pode chegar à verdade, ao certo, ao desejado. (MANTOAN. 2007, p. 88)

Porém para MANTOAN (2004, p. 93) o professor se capacita não para o conhecimento das deficiências postas e sim para entender "melhor as crianças em geral, no seu desenvolvimento", ou seja, os professores precisam ter clareza de pontos fundamentais para se ensinar: "o quê", "como" e "para quê" se ensina e aprende.

E é através da formação continuada que o professor tem a oportunidade de refletir sobre sua prática docente. Porém, cada educador é responsável por sua formação, não cabendo somente a escola este papel. Compete somente a ele saber aonde quer chegar e para tal caminho que escolherá percorrer.

CONCLUSÃO

Na conclusão deste estudo percebemos que ausência de atenção dos alunos durante as aulas muito tem preocupado os professores e atualmente é um desafio que os preocupa e ao mesmo tempo busca procedimentos adequados para intervenções destes alunos que apresentam essa deficiência, gerando uma certa ansiedade em relação ao ensino e aprendizagem por parte dos educadores levando diante dessa situação a repensarem na sua pratica pedagógica e procurarem métodos que possam contribuir na eficiência da aprendizagem.

O diagnóstico do TDAH deve ser realizado exclusivamente por profissionais qualificados. Entretanto, professores e familiares, por conviverem diariamente com a criança, desempenham um papel fundamental na observação de sinais e comportamentos que possam indicar dificuldades relacionadas ao transtorno, buscando, quando necessário, apoio especializado.

Além disso, é importante compreender que diversos fatores podem contribuir para a desatenção e para as dificuldades de aprendizagem no ambiente escolar. Nesse contexto, cabe ao professor reconhecer as particularidades de cada estudante, entendendo que cada sujeito possui seu próprio ritmo, limitações e formas de aprender. Assim, o reconhecimento das necessidades educacionais do aluno torna-se essencial para garantir suporte adequado, promover a inclusão e evitar situações de discriminação e exclusão no contexto escolar.

REFERÊNCIAS

BEYER, Hugo Otto. Inclusão e avaliação na escola: de alunos com necessidades educacionais especiais. Porto Alegre: Mediação, 2005.

BARKLEY, R. A. (2002). Major life activity and health outcomes associated with Attention-Deficit/Hyperactivity Disorder. Journal of Clinical Psychiatry, 63, 10-15

BENCZIK, E. B. P. Transtorno de déficit de atenção/hiperatividade: atualização diagnóstica e terapêutica: características, avaliação, diagnóstico e tratamento: um guia de orientação para profissionais. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2000.

BORGES, S.M.C. Há um fogo queimando em mim: as representações sociais da criança hiperativa. UFC. Fortaleza, 1997.

BOSSA, Nádia. A Psicopedagogia no Brasil: contribuições a partir da prática. Porto Alegre: Artes Médicas sul, 1994.

CABRAL, S. B. Déficit de atenção - hiperatividade (DDA ou TDAH) em adultos. Disponível em http://www.mentalhelp.com/hiperatividade.htm. Rio de Janeiro.

JOHNSON, Doris J. e MYKLEBUST, Helmer R. Distúrbios de Aprendizagem – Princípios e Práticas Educacionais. São Paulo: Pioneira, 1987.

LANCET. A. Hiperatividade com Déficit de Atenção-Equipe ABC da Saúde. Disponível em: www.psicosite.com.br.tex/inf/tdah01.htm. Acesso em 20 de Jun 2012.

MACEDO, Lino de. Situação-problema: forma e recurso de avaliação, desenvolvimento de competências e aprendizagem escolar. In: As competências para ensinar no século XXI: a formação de professores e o desafio da avaliação. Porto alegre: Artmed Editora, 2002.

MANTOAN, Maria Teresa Eglér (org.), (2002). Caminhos pedagógicos da inclusão. São Paulo: Memnon - edições científicas.

NOGUEIRA, Eliete Jussara; PILÃO, Jussara Moreira. O Construtivismo. São Paulo: Loyola, 1998.

NÓVOA, A. Professores: Imagens do futuro presente. Lisboa: Educa, 2009.

STILL, G. (1902, 19 de abril). Some abnormal psychical conditions in children – Lecture II. The Lancet, 1079-1082.